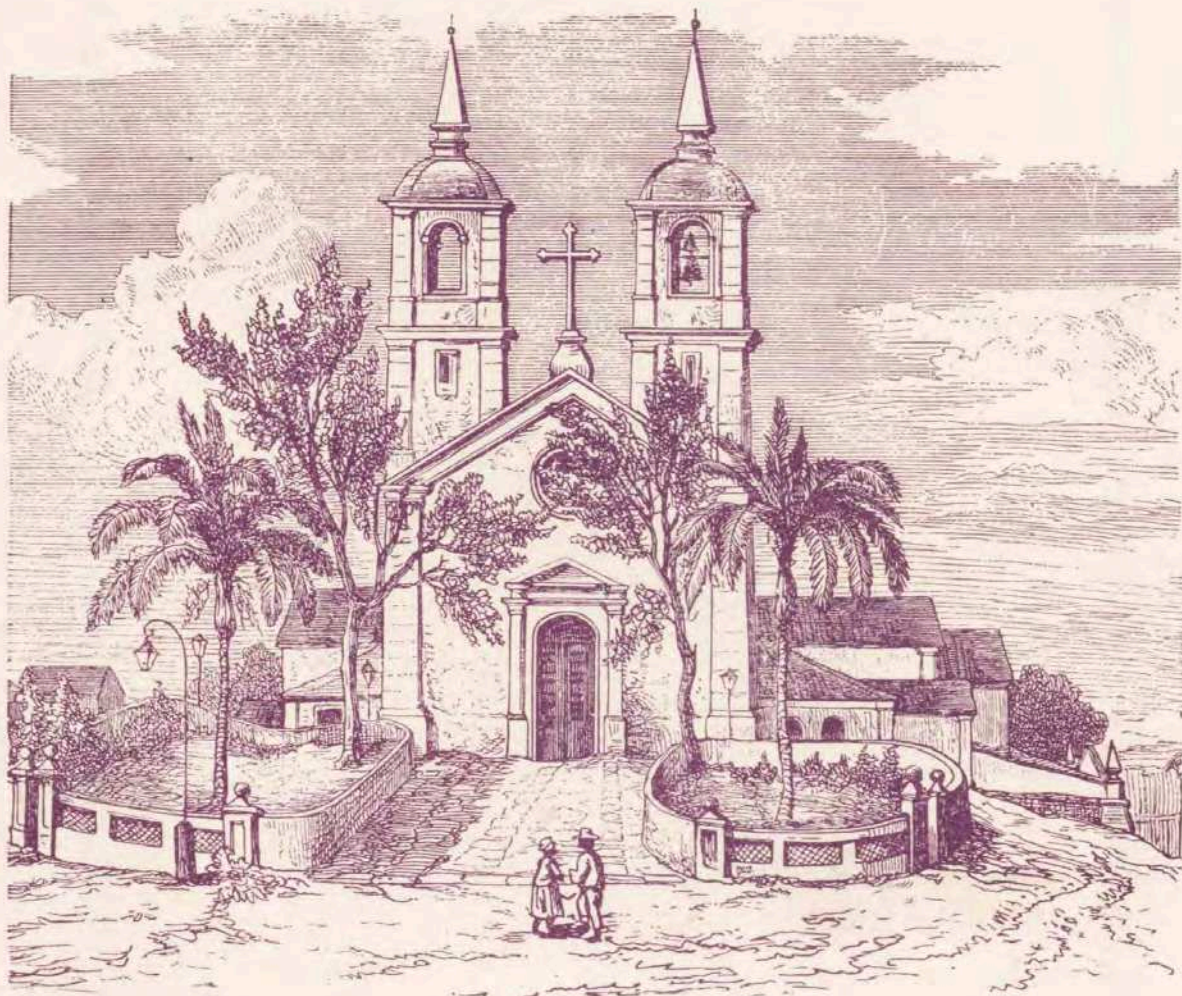


TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº. 48
ECT - DR - SC.



Blumenau em cadernos

TOMO XIV ★ AGÔSTO DE 1973 ★ Nº. 8

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústria Têxtil Companhia Hering

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Armem Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A.

Blumenau

em Cadernos

TOMO XIV

Agosto de 1973

Nº. 8

Considerações sobre o povoamento, através de elementos geográficos e históricos, do extremo-oeste de Santa Catarina.

Walter F. Piazza

O presente trabalho visa completar o que se tem esboçado no campo histórico-geográfico catarinense.

O pensamento geográfico de Santa Catarina coloca a situação do conhecimento em termos de épocas. A primeira tentativa de dicionarização esteve relacionada com o "Dicionário Topográfico, Histórico e Estatístico da Província de Santa Catarina", elaborado pelo Padre Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva e que, até hoje, permanece inédito.

Poder-se-á, por outro lado, mostrar, na perspectiva geográfica, como foi focalizada a região pelo General José Vieira da Rosa em sua "Corografia de Santa Catarina" (ed. Tip. da Livraria Moderna, Florianópolis, 1905, 484 pp.).

Eis alguns tópicos, daquele enfoque (tratando da bacia hidrográfica do Uruguai):

«Rio Pepiri-mirim - Este afluente do Pepiri-Guaçu mede oitenta e dois quilômetros. Nasce nos morros que dividem as águas do Chapecó das do Chopim. Corre a princípio com o rumo sueste mas depois vira para sudoeste até lançar-se no Pepiri-Guaçu. Recebe na margem direita um arroio de uma légua de comprimento. Pela esquerda aceita três de seis mil metros e mais o arroio Conceição, depois do qual aparece o arroio Tracutinga. O Conceição tem vinte e sete quilômetros e não possui tributários. O Tracutinga mede vinte e dois quilômetros, ambos carregados de pequenos afluentes».

Numa visualização cartográfica de hoje ver-se-á que o Pepiri-Mirim outro não é senão o rio das Flores. E o Tracutinga não é seu formador e sim o rio das Antas!!!

«Da foz do Pepiri-Mirim a do Maria Preta, existem dois arroios de mil e quinhentos metros e sete de seis a oito quilômetros.

«Arroio Maria Preta - Tem trinta e sete quilômetros de curso e vai desaguar junto ao Salto Grande do Pepiri. Pela margem direita não tem afluentes. Pela esquerda tem dois de seis mil metros e um de dez quilômetros. Este recebe um tributário de mil metros. Além dos tres que mencionamos ainda recebe o Maria Preta mais tres pequenos tributários», (p. 140).

A mais adiante:

« Rio das Antas - O Rio das Antas possui um desenvolvimento de noventa e cinco quilômetros. Corre de Norte a Sul. Pela margem direita recebe um arroio de onze quilômetros e outro de uma légua. Pela margem esquerda recebe um riacho de doze quilômetros e meio e um de légua e meia. Aceita também o rio Capetinga com quarenta e cinco quilômetros e no qual caem os seguintes tributários ainda sem nome: o primeiro com vinte e sete e meio quilômetros. Este tem afluente que mede uma légua e tres que não vão além de mil e quinhentos metros, todos pela margem direita. Pela margem esquerda recebe um afluente de quatro mil metros. O segundo afluente do Capetinga mede treze quilômetros setecentos e cinquenta metros. O terceiro tem onze mil duzentos e cinquenta e cinco metros e possui dois afluentes da margem direita que medem quatro mil e oitocentos metros; o quarto finalmente e o quinto não tem mais de meia légua cada um». (p. 141).

E, aduz ainda:

«Rio Chapecó e seus afluentes - Com o nome de Lageado do Campo Alto desce da vertente ocidental da Serra do Taquaral Verde o Rio Chapecó, que corre até receber o Chapecósinho pela margem esquerda, com o rumo sudoeste. Depois vira-se para o sul e não mais deixa tal rumo até barra no Uruguai. O Chapecó é um rio de muitas voltas e possui numerosos afluentes, mas quase todos sem nome». (pp. 141 - 142).

Adiante acrescenta:

«Rio São Domingos - Tem doze quilômetros de curso e possui apenas um arroio de meia légua. Desde o S. Domingos até o Lageado dos Patos existem trinta e um arroios sem nome. Alguns são apenas uns córregos insignificantes, mas há alguns de certo desenvolvimento e merecem o nome da rios». (p. 142).

E para completar poder-se-ia estender a descrição do Chapecósinho com os seus afluentes - todos numerosos - e todos sem nome! (p. 145).

Vê-se assim, que a solução do Acôrdo de Limites como Paraná,

em 1917, e a consequente penetração de elementos oriundos, em especial, das antigas colônias alemãs e italianas do Rio Grande do Sul, é que vai, pouco a pouco, dar melhor conhecimento geográfico à região. É por esta razão que, agora, decorridos quasi setenta anos da publicação do General José Vieira da Rosa se estabelece esta análise.

A partir do conhecimento do trabalho do Pe. Joaquim Gomes d' Oliveira e Paiva - Arcipreste Paiva - realizou o dr. José Artur Boiteux o «Dicionário Histórico e Geográfico de Santa Catarina», do qual foram editados tres volumes; o primeiro em 1915 (Azevedo Irmãos, Rio de Janeiro, 182 pp.), o segundo em 1916 (Azevedo Irmãos, Rio de Janeiro, 142 pp.) e o terceiro em 1940 (Imprensa Oficial do Estado, Florianópolis, 190 pp.). Infelizmente o último volume (o 4º) se perdeu em incêndio na Imprensa Oficial do Estado.

A análise do trabalho do Pe. Paiva nos leva a sentir quão pequena era, na época, a relação litoral-planalto e, notadamente, com o longinquo oeste.

A perspectiva nos dias de 1914, em diante, nos mostram que já há algum conhecimento do oeste: é citado o «Antas - rio afluente do Uruguai, margem direita», é citada «Caldas do Chapecó - situada a margem esquerda do rio Chapecó, afluente do rio Uruguai» e completa a notícia: «Muitas pessoas do Rio Grande vão em determinadas épocas fazer uso destas águas». Ou, ainda «Campo Erê - ... tem de fundo 26 quilometros, começado a povoar em 1858. Em 1641 foram descobertos pelos bandeirantes paulistas Raposo e Bicudo». Ou esta: «Chapecó - colônia militar fundada em 14 de março de 1882 e acha-se situada a 82 quilometros da vila de Palmas e à margem esquerda do rio Chapecó, no lugar denominado Xanxerê. Possui onze edifícios públicos e 124 casas de colonos (1893)». E, finalmente, entre outras, esta: «Passo Bormann - distrito de paz do município de Chapecó. Foi sede da comarca e município até que foi pela lei restabelecida em Xanxerê que, de novo perdeu essa categoria, em virtude do decreto nº 100, de 9 de abril de 1931, que determinou fosse o Passo dos Índios a sede da comarca e do município».

Já, no «Vocabulário Geográfico do Estado de Santa Catarina» (ed. do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1950) (nota redacional: «últimado em Abril de 1946», (121 pp.). A região então totalmente incluída no município de Chapecó, apresenta-se, com a seguinte distribuição de verbetes: A - 15, B - 14, C - 15, D - 9, E - 3, F - 7, G - 8, H - 0, I - 6, J - 10, K - 0, L - 5, M - 14, N - 2, O - 1, P - 32, Q - 2, R - 7, S - 27, T - 21, U - 1, V - 4, W - 0, X - 10 e Z - 1, totalizando, pois, 214 verbetes, o que, de certa forma, demonstra o estado de devassamento da região, naquela época.

Hoje, só um levantamento sumário nos proporciona mais de 3.000 (tres mil) verbetes.

Aqui se inicia um trabalho novo, visando, exatamente, dar ao

nosso Estado o conhecimento da sua área mais extrema, hoje, para efeitos políticos-administrativos dividido em Oeste e Extremo-Oeste, e cuja orientação em termos de política administrativa cabe à Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste.

Mas, este conhecimento geográfico se baseia intimamente na elaboração da história regional, que, em grandes quadros, poder-se-á subdividir em «Período Pré-histórico», «Período Criatório», «Período de litígio» e «Período Pioneiro».

A FORMULAÇÃO HISTÓRICA

Temos procurado, a partir de vários tipos de indagações suprir o desconhecimento existente na historiografia catarinense relativamente à ocupação, e conseqüente povoamento do extremo-oeste catarinense.

A FASE PRÉ-HISTÓRICA

Tem-se, para a pré-história do extremo-oeste de Santa Catarina, até a presente data, definidos tres estágios culturais: um reconhecido como «altoparanaense», de maior antiguidade e de nível pré-cerâmico, dois grupos culturais cerâmicos - um «tupiguarani» e outro «não tupiguarani», e, portanto, mais recentes.

Esta subdivisão poderá, dado o desenvolvimento da matéria, sofrer novas modificações.

BANDEIRISMO DE APRESAMENTO

Basicamente tal fato se prende, remotamente, nas expedições bandeirantes de apresamento do indígena, e, em especial, na luta contra as «reduções» guaraníticas dos «Sete Povos das Missões» (hoje território do atual Estado do Rio Grande do Sul).

Neste particular Afonso d'E Taunay, nas memoráveis páginas da «História Geral das Bandeiras Paulistas» (resumo, ed. Melhoramentos, 2, vols., 1951.) coloca como perlustradores da região os «bandeirantes» Antonio e Manuel Preto, em 1653 Luiz de Goes, Antonio Luiz Tigre e Agostinho de Figueiredo em 1679 e no mesmo ano, numa segunda bandeira, Antonio de Lemos Conde e Francisco Jacone Bajarte.

A reconstituição do «roteiro» de algum destes «bandeirantes» poderá caracterizar o «peabiru» (caminho indígena) de que se socorriam os paulistas.

A ARRANCADA PASTORIL

Uma segunda etapa é caracterizada pela ocupação dos «campos» pelas frentes pastoris emergidas do norte (Campos de Guarapuava e Palmas),

do leste (Campos de Lages, de Curitibanos e Campos Novos) e do sul («pampa» gaúcho).

Esta arrancada vai formar um substrato bem definido a partir do século XVIII.

Como caracterização desta etapa formativa de um segundo estrato povoador do extremo-oeste catarinense vão se encontrar belos documentos cartográficos dos idos de 1917 a 1918 e 1919, indicativos das «fazendas» da região e que serão referidos posteriormente.

A COLONIA MILITAR

Dadas as condições conflitantes, que evolue a partir do Tratado de Madri (1750), entre Portugal e Espanha, que, após a independência passam a ser pendência entre a nação Argentina e o Império Brasileiro, sente o Governo Brasileiro necessidade de defender a propriedade dos seus cidadãos, que devotados à atividade pastoril, estão integrados na área.

Surgem daí as colônias militares do Chopim e Chapecó.

A esta vamos dedicar a nossa atenção.

Criada pelo decreto nº. 2.502, de 16 de novembro de 1859, somente, a 18 de outubro de 1880, vai ser designada a Comissão encarregada de instalá-la composta do Capitão José Bernardino Bormann (que vai dirigi-la de 1880 a 1898, com pequenas interrupções) e integrada pelos capitães Marciano Augusto Botelho de Magalhães, e tenentes Francisco de Paula Ferreira Gomes e Vicente Ferreira Gomes. E a colônia passou a ter 48 léguas quadradas, centradas na colina do Xanxerê.

A PENDENCIA PARANÁ - SANTA CATARINA

Em várias épocas a Província de São Paulo, a cuja jurisdição pertenceu Lages até 1820, tentou absorver administrativamente o planalto catarinense.

Emancipada - em 1853 - a Província do Paraná vai a sua administração tentar jurisdicionar o amplo planalto catarinense.

A tal pretensão vão se opor as mais diversas autoridades de Santa Catarina e vai ter desenvolvimento um trabalho árduo de defesa dos direitos.

A contenda administrativa se projeta no campo político e no judiciário e, somente tem fim com a atuação conciliadora do Presidente Wenceslau Braz Pereira Gomes, ao propor o Acordo de Limites, efetivado a 20 de outubro de 1916 e aprovado, pelo Congresso Nacional, a 3 de agosto de 1917.

UMA INDÚSTRIA PIONEIRA

OTTO LACZYNSKI

Uma das primeiras culturas na colônia, fundada pelo Dr. Blumenau, foram o aipim e a mandioca, raízes que serviam de alimentação, tanto para os colonos, como para trato dos animais. Começaram ainda a ser instalados engenhos que fabricavam farinha de mandioca, por processos bastante rudimentares, processos que aos poucos foram melhorando. E ainda hoje existem tais engenhos, às dezenas, não só no Vale do Itajaí, como por todo o litoral de Santa Catarina.

Pelo ano de 1916, os irmãos Hans e Fritz Lorenz, netos do sábio Dr. Fritz Müller, após longas pesquisas, começaram em Encano, no então distrito de Indaial, do Município de Blumenau, com a fabricação de fécula de mandioca, uma indústria pioneira, não só no Brasil, mas sim em toda América e possivelmente no mundo, pois não sabemos se o produto, naquela época já era fabricado na Indonésia, Java e Sumatra.

A indústria que teve seu início sob a razão social de Lorenz & Cia., foi instalando outras fábricas nas zonas de cultivo do aipim e da mandioca e assim surgiram em 1918 a fábrica em Timbó, em 1924 a de Trombudo Central, em 1939 a de Trombudo II, em 1940 a Usina de Indaial, que além de fécula de mandioca, fabrica dextrina de diversos tipos, de grande consumo em uma série de indústrias, em 1941 foram instaladas as fábricas em Apiuna e em Barra do Trombudo, em 1944 a em Pouso da Caixa, em 1946 as em Rio

do Oeste e em Mosquito, em 1956 a em Toca Grande e em 1972 a em Laurentino, todas na região do Vale do Itajaí.

Como a expansão da indústria, como vimos, foi enorme, foi constituída em 1936 a Companhia Lorenz S/A., sendo alterada em 1942 para Indústrias de Fécula Companhia Lorenz, a qual foi, em 19 de janeiro de 1970, declarada Sociedade de Capital Aberto.

Para atender à freguesia que de ano para ano aumentava e à exportação em grande escala, tanto para os Estados Unidos como para a Europa, iniciada logo após o término da segunda guerra mundial, a firma teve que procurar outras regiões próprias para o cultivo da matéria prima e foram então instaladas as fábricas no Estado do Paraná, sendo em 1968 a de Cianorte, em 1971, a de Quatro Pontes e ainda em 1972 a de Umurama.

A firma não se limita somente à fabricação de fécula de mandioca e dextrinas e sim a subprodutos, como sagú, tapioca de diversos tipos, amido de milho, farinha de mandioca, fécula de batatas e ainda araruta, um produto de ótima alimentação para crianças, recomendado pela classe médica.

Com o maquinário recentemente importado da Suécia, a Indústrias de fécula Companhia Lorenz, há 40 anos dirigida por Paulo Schindler, hoje na presidência, assessorado por netos dos fundadores, tornou-se uma das mais modernas fábricas no genero no mundo.

OS ÚLTIMOS ABENCERRAGES DA POESIA

Arnaldo S. Thiago

J. Ferreira da Silva, integérrimo propugnador das boas letras, cultor apaixonado da História, a manter, com estoicismo e heroicidade, o seu «BLUMENAU EM CADERNOS», como exemplo de valor e tenacidade na sustentação da boa imprensa, hoje tão defigurada, de regra, resolveu dar à publicidade, em brochura bem apresentável, «OCTAVIANO RAMOS», livro em que torna conhecidos os traços biográficos do Poeta catarinense desse nome e, também, ótimas produções do mesmo vate, que nos encantam e enlevam pelo primor de sua composição e elevado estilo.

O exemplar que me foi oferecido, com fidalga dedicatória de quem sabe ser amigo certo in ré incerta - o que vale ouro nesta era de tanta negligência nas relações de amizade, aqui o tenho diante dos olhos e acabo de ler o notável soneto consagrado aos que morrem e dos quais diz o Poeta «Que eles são mais felizes do que nós», num fêcho de sublime verdade:

E por essa verdade transportado aos longes da atividade literária, expressa no cultivo da «última flor do Lácio inculta e bela», como a soube qualificar o nosso insigne Bilac, reli os primeiros parágrafos da CONVERSAÇÃO PREAMBULAR com que Antônio Feliciano de Castilhos prefaciou o poema D. Jaime, de Thomaz Ribeiro, afirmando, depois de se referir à opinião do historiógrafo e profeta do progresso, Eugênio Pelletan, «que é sem dúvida alguma um dos mais insignes poetas da prosa, e que tem para si que a poesia formulada e medida, a poesia em verso, está por pouco»; afirmando, repito, que, «por minha parte sentome pacífico à beira da corrente dos destinos, contemplo o que me passa por diante, e com o que ainda lá vem longe não me altero. Se eu for vivo quando já se não fizerem versos, deitar-me-ei no loireiral dos cisnes que foram, e consolar-me-ei facilmente ouvindo-lhes os cantares, milagrosos cantares, cujos ecos, em lugar de esmorecerem com o tempo e com a distância, se reforçam e se eternizam». Reli essa página vasada no estilo dos nossos clássicos e datada de «Lisboa 11 de julho de 1862, ao meio dia, ao cantar a primeira cigarra d'Anacreonte na copa da minha olaia», portanto há um século e onze anos passados, para compreender, mediante a realização da profecia de Pelletan, em nossos dias, que também profeta foi o nosso parnaziano catarinense, Octaviano Ramos, ao escrever o soneto cujo último verso acima transcrevemos! Realmente os que já se foram, desta, para melhor vida, são mais felizes do que nós! O que será de nós depois da morte?- não é mais uma pergunta sem resposta, ou respondida com a dubiedade da dúvida filosófica. Esta civilização da ciência materialista e da tecnologia à outrance, mecanizando mesmo a própria alma, ao ponto de se não mais prestar atenção a cousa

alguma que entenda com as delicadezas do Espírito, despreza a Poesia porque é maligna, corruptora da essência espiritual do homem que se acha reduzido às proporções da caverna, sem o ambiente sadio das florestas, substituído o canto delicioso das aves pelo estentoroso berro das canções modernas, em verdadeiras cavernas de novo estilo, que são as afixantes construções de cimento armado, em ambientes profundamente poluídos. Nestas condições, morrer, para os que ainda guardam no silêncio da alma alguma expressão de delicadeza moral, circundada de Poesia, é a divina certeza de felicidade, que nos resta.

Mas, enquanto esperamos a grande consoladora, que já se nos anuncia, pois estamos com 87 anos completos, o que nos vale é podermos nos sentar, como Feliciano de Castilhos, no loireiral dos cisnes que foram, e consolar-nos facilmente ouvindo-lhes os cantares, milagrosos cantares, cujos ecos, em lugar de esmorecerem com o tempo e com a distância, se reforçam e se eternizam. Foi o que certamente levou Ferreira da Silva, numa comovida homenagem ao seu bom amigo Octaviano Ramos, a mandar imprimir-lhe os magníficos sonetos que legou à posteridade, como precioso legado que alguns raros abencerragens da cultura poética, sabemos apreciar em sua maravilhosa expressão artística e sentimental, furtando-nos ao tremendo materialismo desta era do futebol, em que nos encontramos e que - horresco referens! - faz depender do vigor das canelas a glória dos homens, o que até maio de 1922 era concedido graças ao desenvolvimento intelectual e à nobreza dos sentimentos

Da minha parte, atendendo a compromisso que assumi para com a verdade histórica, desde que verifiquei haver omitido o nome de Octaviano Ramos na História da Literatura Catarinense, enalteci-lhe o valor em conferência que realizei na Federação das Academias de Letras do Brasil, em 5 de maio de 1962, exatamente 40 anos depois da célebre «semana da arte» e que até agora deixou de figurar na Revista da mesma Federação, talvez para castigar-me de haver sido omissos para com o mavioso vate conterrâneo, ao escrever a História da Literatura Catarinense.

Ferreira da Silva soube dar ao seu estudo sobre a vida e a obra de João Octaviano do Nascimento Ramos, nascido na cidade de S. José em 11 de março de 1882 e falecido em Canoinhas a 6 de outubro de 1954, com 72 anos de idade, todo o vigor de uma ótima biografia que nos dá a reconhecer no Poeta catarinense uma das mais belas expressões da intelectualidade brasileira, podendo hombrear com os Poetas maiores de qualquer país civilizado, com honra e dignidade.

Este soneto, *HORA DE LUZ*, com que Ferreira da Silva inicia a segunda parte do seu livro dedicado a imortalizar este novo êmulo de Bilac, Raimundo Corrêa, Cruz e Souza, enfim, dos melhores aedos que já temos tido, é maravilhoso em sua conceituação e em sua forma poética:

«Ainda existe no mundo quem te queira,
Quem te abra um novo e rútilo horizonte
E te dê de beber, alvissareira,
Nessa do amor miraculosa fonte!

Tal uma ave a cantar, tua alma se abeira
Do lindo sonho que sorri defronte.
Ao vê-la vem-me à idéia uma roseira
Louçã, florindo em solitário monte.

Todo o teu ser em extase se inflama.
Cuida, porém, que a derradeira chama
Não se apague. É tão rápida e fugaz. . .

Depois desfeito o encanto que te ilude
A invernia há de ser talvez mais rude
E a soledade muito, muito mais.

A mágoa, o desgosto que experimentam os que amam a verdade e a justiça, amando ao próximo como a si mesmos, por saberem adorar a Deus em espírito e verdade, como o quer Jesus; a mágoa e o desgosto que provêm do desprezo com que, neste mundo mecanizado de hoje, são tratados os seus esforços intelectuais em prol da beleza, da moral, da virtude, da verdade, resume-os o nosso grande Poeta neste soneto de alto valor filosófico e literário - OS QUE VÃO:

«Pelos que vão tranquilos ao sol posto,
Depois de rude e pungitivo outono,
Não choreis, não lhes deis mais um desgosto,
Deixai-os quietos em seu doce sono.

Nenhum deles verá jamais exposto
O próprio coração, como num trono,
Ao mal-querer dos outros, ao mau gosto
Do triste pouco caso e do abandono.

Deixai-os ir assim, de mãos cruzadas,
Ao reino azul de esplêndidas moradas,
Guiados pelos siderais faróis.

Ponde-os na cova estreita, mas serena,
Sem soluços, sem lágrimas, sem pena,
Que eles são mais felizes do que nós.

Um livro de alto gabarito intelectual, o de Ferreira da Silva:
OCTAVIANO RAMOS.

TRES PINGOS DE HISTORIA

★ Pelos fins do ano da proclamação da República, a Freguesia de S. Pedro Apóstolo, de Gaspar, era um povoado bem insignificante.

Tanto assim que, na sessão de 7 de outubro de 1889, o Vereador Jacó Luiz Zimmermann, residente e eleito por aquela Freguesia, requeria à Câmara Municipal de Blumenau: «proponho que a Câmara mande abrir as ruas da Freguesia de São Pedro Apóstolo que se acham fechadas em prejuízo da comunicação pública e, bem assim, mande tirar as cercas que estão fechando a rua geral e que, para esse fim, vote uma quantia de 50 mil réis. A Câmara Municipal aprovou a proposta, mas a verba só seria liberada quando houvesse dinheiro nos cofres. . .

★ ★ Foi na reunião da Câmara Municipal, de 25 de novembro de 1889, que o Governo de Blumenau tomou, oficialmente, conhecimento da proclamação da República no Brasil. No expediente dessa reunião, foram lidos quatro ofícios do governo estadual. O primeiro comunicava que uma Junta Provisória havia tomado conta do Governo do Estado Republicano Catarinense. O segundo determinava que as repartições públicas e mais autoridades continuassem a funcionar até segunda ordem. O terceiro esclarecia que as notas do Banco Nacional do Brasil poderiam ser recebidos nas repartições públicas. O quarto comunicado que a Câmara Municipal da cidade de Desterro (Florianópolis) «aclamou unanimemente a República». A Câmara oficiou ao Governo Provisório do Estado Republicano Catarinense declarando também a sua adesão à República.

★ ★ ★ Há, na ata dessa reunião, um registro que deixa a gente triste.

Ah! a ingratidão humana! Algumas semanas antes, a Câmara havia resolvido que nas comemorações do aniversário de Sua Majestade, o Imperador D. Pedro II, os bailes públicos que se realizassem em regozijo à data (2 de dezembro) estariam isentos do imposto de diversões. Registrando a comunicação da queda do trono e do exílio do monarca, a ata da reunião já citada, fá-lo, simplesmente, transcrevendo o telegrama recebido da Junta Governativa: «Pedro de Alcântara embarcou-se para a Europa». Não havia mais nem «Dom», nem «majestade». Pobre Imperador!

In Memoriam de Leopoldo Colin

Há poucos dias e depois de prolongada enfermidade, deixou o convívio dos blumenauenses um homem que, pelos muitos serviços que prestara à Comunidade, pelo muito amor que nutria por Blumenau e pelo muito que fizera pelo seu desenvolvimento cultural, não merecia o quase silêncio que se fez ao anúncio de seu lutuoso passamento.

Leopoldo Colin foi desses homens avessos a estardalhaços em torno do seu nome e da sua ação.

Apesar da sua excelente situação econômica e da conquista de bem merecido destaque social, jamais pensou em valer-se deles para dar evidência à sua pessoa e relevo ao seu trabalho em prol da Comunidade em que se integrou e que amou profundamente.

Admirávamos nele, não apenas o seu trato cavalheiresco e a sua incomum atividade, a honestidade dos seus propósitos, mas, igualmente e de um modo especial, o seu espírito de harmonia e de conciliação.

Acompanhamo-lo, muitas vezes, na sua atuação frente à Empresa a que se associara e na direção das sociedades recreativas e culturais a que emprestava a mais eficiente e dedicada cooperação.

Nunca o vimos perder a calma senão depois de esgotados todos os recursos persuasivos, toda a paciência possível, nas discussões em que fora chamado a intervir. Foi um homem bom, amigo e serviçal.

Roberto Leopoldo Colin nascera em Joinville, a 10 de julho de 1899, desaparecendo, por conseguinte, aos 74 anos de idade. Na mesma cidade fez os seus estudos primários, desencumbindo-se do serviço militar como soldado exemplar do Tiro de Guerra da mesma cidade.

Veio para Blumenau por volta de 1931, aqui fixando residência definitiva. Na sua cidade natal participara, como flautista, da orquestra sinfônica da Sociedade Harmonia-Lira, uma das mais destacadas instituições de recreio e arte do Estado.

Associou-se a Teodoro Darius e Adolfo Hass na constituição da Empresa Auto-Viação Catarinense e, como seu diretor, por muitos anos, prestou assinalados serviços à organização que ajudou a levar a alto nível de prosperidade.

Depois de passar algum tempo como funcionário da «Casa do Americano», entrou para a Diretoria da Tipografia e Livraria Blumenauense, da qual se retirou há pouco tempo, aposentado. Era também diretor-gerente do Restaurante Gruta Azul.

Toda essa intensa atividade comercial não impediram Leopoldo Colin de dedicar grande parte do seu tempo às instituições culturais desta cidade, às quais prestou, sem favor, serviços extraordinários.

Durante cerca de vinte anos participou da Orquestra Sinfônica da Sociedade Dramático Musical «Carlos Gomes», desta cidade, então sob a regência do maestro Heinz Geyer. Sua esposa integrava também essa orquestra, tocando harmônio, encargo que passou, depois, a ser cumprido por sua filha, Dona Iris, exímia, também, na execução do órgão elétrico.



Roberto Leopoldo Colin

entusiasta. Foi um dos fundadores do «América Futebol Clube» de Joinville, no qual também atuou como jogador. Em Blumenau, associou-se ao Grêmio Esportivo Olímpico e à Sociedade dos Atiradores, dedicando-se, com muito interesse e amor ao desenvolvimento dessas organizações desportivas. Chegou a conquistar, na Sociedade dos Atiradores, o lugar de «Rei do Tiro».

Enviuvou em 1961. Mesmo sentindo-se adoentado, não deixou de cuidar dos seus negócios comerciais, nem das suas predileções artísticas. Continuou, às vezes com muita dificuldade, a frequentar o Teatro e a atender às suas obrigações como membro do Conselho de Honra da Sociedade Dramático-Musical «Carlos Gomes».

Após a gestão do dr. José Ribeiro de Carvalho na presidência da Sociedade «Carlos Gomes», Leopoldo Colin foi eleito seu presidente, cargo em que permaneceu por seis anos consecutivos, passando a exercer o de Presidente do Conselho Deliberativo onde, por muitos anos seguidos, prestou, com a sua experiência e os seus projetos, inestimáveis serviços aquela entidade cultural. Foi um grande admirador da música em todas as suas modalidades e nunca perdeu um único concerto, da nossa e de outras sinfônicas que se apresentaram no «Carlos Gomes», e na maioria dos quais participou como executor de flauta.

No campo esportivo, Colin foi, também, um en-

Leopoldo Colin deixa duas irmãs viúvas, residentes em Joinville e os filhos Harald, casado com Dona Isaura, Iris, casada com Walter Ramers, Sigrid, casada com Ewaldo England, estes últimos residentes em São Paulo, e seis netos.

«Blumenau em Cadernos» que sempre contou em Leopoldo Colin um verdadeiro amigo e grande admirador, não poderia deixar de prestar-lhe esta última homenagem, como expressão do seu pesar e do seu reconhecimento.

«O POLEIRINHO»

J. Mendes da C. Rodrigues

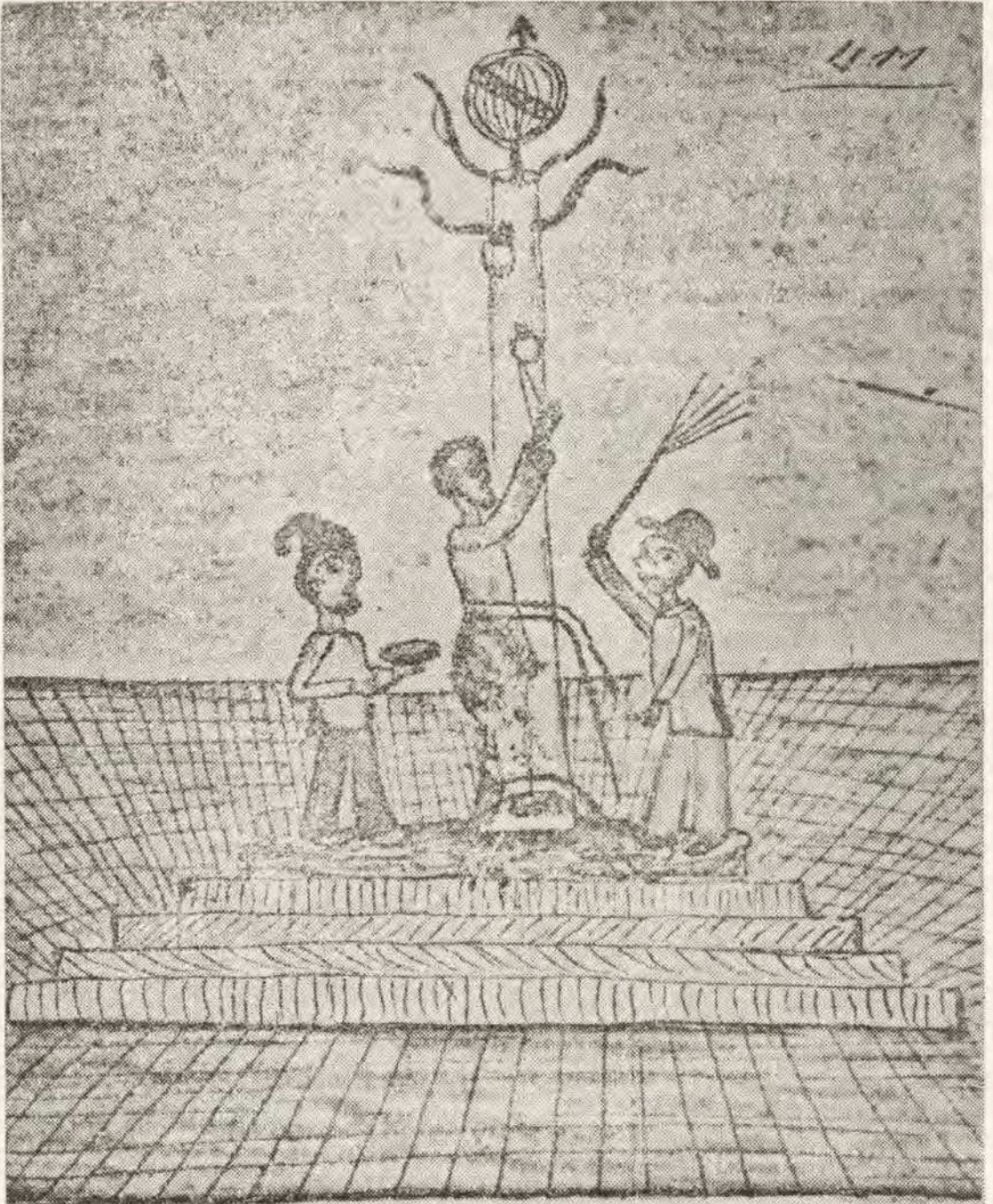
Não acho este termo no Dicionário de Moraes (1), mas vi até a idade de 13 anos (1833) na praça da cidade de Desterro, distante do mar vinte braças, e na cidade da Laguna, no meio da praça em frente do sobradinho que serve de cadeia e sala da Municipalidade e Tribunal de Justiça, uma pirâmide de tres degraus construidos de tijolos, em forma redonda, no meio do qual tremulava um pau roliço de quatro palmos de circunferência, tendo vinte palmos de altura, tendo na altura de dez palmos tres argolas de ferro curvadas com unhas. No cimo do pau estava uma esfera de arcos de ferro semelhante a um globo e em roda dele, à pequena distância, se viam tres braços de ferro com as pontas em forma de lança.

Neste pau eram atados os escravos de mãos, pés e cintura. Depois desciam as calças dos miseráveis padecentes, ficando públicas as partes indecentes dessas vítimas da tirania. Assim exposta essa infeliz criatura, passava o algoz a açoitá-la com um suplicio de 10 pernas, feito de couro de boi não curtido, cujas pernas eram do

comprimento de tres palmos e o cabo de dois e meio.

Com este temível instrumento ia o algoz ferindo a vítima dando-lhe de 50 a 100 açoites. O sangue e a carne assim retalhada do desgraçado padecente iam respingando como chuva miúda de forma que quando se acabava o cruel e desumano castigo, estava a vítima coberta de sangue; o pau em que estava preso tinto da cor carmezim e os degraus da pirâmide estavam escorrendo sangue.

Muitas vezes o carrasco a mandado das autoridades, ou do senhor, apresentava uma pequena gamela na qual se continha sumo de limão, sal comum e pimenta e com este liquido infernal passava a lavar as nádegas do assento da vítima ferida e descarnadas os quais davam gemidos e brados que enterneciam as próprias pedras, menos os empedernidos corações desses gentios dos tempos despóticos dos governadores Menezes, Freitas, Homens, Pintos, Coimbras, Valentes e Tavares que supliciavam os subditos com



POLERINHO

Na Praça da Cidade do Desterro Capital do Estado de S. Catharina em 1832.

*Supplicio dos Homens Escravos!!!
De cor pretos, pardos e brancos.*

martírios nos troncos, anjinhos de ferro nos dedos, cabeça e barba raspada e marca de ferro em brasa!

Até os reverendíssimos ministro de Jesus Crucificado, como seus antecedentes, flagelavam o povo com excomunhões e muitos eram remetidos para o horrível tribunal da Inquisição, onde eram sem nenhuma piedade seus pés queimados no fogo. Içados e depenurados e largados a caírem sobre os lajedos. Outros sangrados e seus dedos espedaçados com os ferros atarrachados com parafusos, denominados «anjinhos». Depois de padecerem dois e mais anos davam graças a Deus por escaparem de ser queimados vivos em fogueiras.

Mas o grande caso é que o povo aplaudia esses festejos da iniquidade e barbarismo desses tempos bárbaros e que muita gente ainda tem o descaramento de dizer que esses tempos foram a decantada «idade de ouro». Hoje os costumes tem mudado, a moral pública tem se aperfeiçoado; acabou-se o jugo da guarda nacional que escravizava até os pobres velhos de mais de cinquenta anos de idade que estavam cativos dos tiranos comandantes da reserva, os quais por «dá cá aquela palha» eram recolhidos à cadeia por oito dias, aliás iam a São Francisco, a Santa Catarina e muitas vezes a Laguna levarem officios, sendo as mais das vezes cartas particulares dos mandões nas quais tratavam de seus negócios particulares. Todos os domingos eram obrigados os cidadãos a comparecerem à revista, às nove horas da manhã, às onze iam em formatura para a Igreja Matriz assistir ao Santo Sacrifício da Missa. No regresso esta-

vam debaixo de forma em frente das casas dos felizardos Capitães que quase sempre eram taverneiros, razão porque só se concedia licença para saída da fileira quando o guarda declarava que ia fazer despesa na casa de negócio do superior. Em suma, das duas horas da tarde em diante é que o pobre homem tinha dispensa para regressar ao seu lar. Acresce ao recontado as ratazanas que haviam denominado «instrutores», sendo muitos deles praças do exército que haviam alcançado baixa e como na maior parte eram vadios consumidos, sem meios de vida, empenhavam-se para obter essa ocupação de incomodarem o seu próximo, fazendo do povo uma manada de bestas predominadas da moléstia de s. guido. Ninguém parava, ora a direita, ora à esquerda, dobrada marcha, muito embora fosse o terreno um verdadeiro paúl. Boca calada: era ordem do sábio Instrutor que as mais das vezes faziam os pobres guardas pagarem para ele se fardar, copos e copos de aguardente. Tudo isso já lá se foi assim como as «indagações policiais» que sofriam os desafeiçoados aos aristocratas Delegados e Subdelegados que sem mais nem menos sofriam quinze dias de cadeia só porque se negavam a votar na chapa do Governo, na eleição finda ou naquela que se ia proceder, caso o cidadão se negasse a compartilhar com as idéias despóticas dos tais Mandarians.

Agora nos achamos no regime da liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, acabou-se a Aristocracia, já não há reis, isto é, menos os Congos ou Monjolos que estão reinando, assim também mandaram viajar D. Pedro d'Alcântara e sua família, que foi

imperador segundo do Brasil, mas ficaram os Imperadores do Espírito Santo e seus pagens e espadachins, que imperam por todos os séculos dos séculos sem fim. Amém.

NOTA DA REDAÇÃO: A presente crônica é uma das muitas escritas por José Mendes da Costa Rodrigues, um rábula que viveu, na segunda me

tade do século passado, até os primeiros anos deste em Porto Belo, Tijucas e Itajaí. Deixou dois grossos volumes manuscritos, dois alfarrábeos em que focalizou muitas pessoas e acontecimentos do seu tempo. Oportunamente, reproduzimos outros escritos deixados por esse rábula.

(1) E nem poderia achá-lo, pois a palavra é PELOURINHO e não como o autor a escreveu.

Estante Catarinense

CARLOS BRAGA MUELLER

SÃO BENTO DO SUL - SUBSÍDIOS PARA A SUA HISTÓRIA

- 1ª parte por Carlos Ficker
- 1973.

Para um estudo sério de uma região e trazendo valiosos subsídios para enriquecer a história catarinense de um modo geral, em boa hora surge este livro, fruto da persistência e do estudo aprofundado que lhe dedicou um veterano historiador: - Carlos Ficker.

Em 367 páginas, muito bem impressas, com a capa de muito bom gosto, desenhada por V. Kursancew (não sabemos se é catarinense), o livro nos veio ter às mãos por gentileza toda especial dos Vereadores de São Bento do Sul, que apuseram suas assinaturas ao exemplar, dando-lhe, assim, inestimável valor histórico.

Este trabalho, de folego e envergadura, focaliza São Bento desde os primeiros e dificultosos dias da colonização, chegando até a época em que ocorreu a sua emancipação administrativa, política e comercial, no princípio deste século.

Ficker termina a 1ª parte da história de São Bento com estas palavras:

«Mostramos, nos começos do presente trabalho, os primeiros anos de vida colonial, caracterizados pelas atividades ligadas diretamente ao solo. Foi uma era de conquista à selva, das terras destinadas à agricultura e à construção de caminhos e pontes, para abertura de vias de comunicação. Daqui por diante, e na segunda parte dos subsídios para a História de São Bento, teremos a oportunidade de assinalar o segundo passo de evolução, que trouxe ao florescente município os benefícios no setor industrial, comercial e cultural. Da antiga «Colônia Agrícola São

Bento», dos tempos árdios e difíceis, dos longos e penosos anos iniciais, surgiram inúmeras fábricas, grandes e pequenas, intenso trânsito, nas vias de comunicação, um grande movimento de comércio e vulto de produção, exportação e importação. Um futuro promissor.»

Acaba, assim, a 1ª parte do livro.

Quando São Bento do Sul prepara-se para comemorar condignamente o seu Centenário, a 23 de setembro deste ano, esta obra vem contribuir para que o Município se destaque ainda mais no cenário brasileiro.

Vale ressaltar as fotografias históricas e interessantes que fazem parte do volume. Inclusive uma foto que achamos sensacional: a propaganda que era publicada num jornal da época, em Joinville, sobre as «diligências» que faziam o trajeto entre a colônia S. Bento e a colônia D. Francisca. Têm-se a certeza de que acontecia aqui exatamente o mesmo que ocorria no oeste americano: o desbravamento indômito das terras e a sua conquista a pulso firme, por um punhado de bravos. A reprodução fotográfica da diligência e o anúncio da época constituem uma das coisas mais pitorescas que já se publicou na imprensa catarinense. O mérito cabe, naturalmente, ao Prof. Carlos Ficker e aqueles que com ele colaboraram para que pudesse vir a lume esta edição.



O introdutor da cana-de-açúcar no Brasil foi Antônio Leme, companheiro de Martim Afonso de Souza, que trouxe plantas da Ilha da Madeira e que encontraram, em São Vicente excelentes condições de crescimento. Em pouco tempo essa plantação se espalhou por toda a costa brasileira. O introdutor da chamada «cana-pau», no Vale do Itajaí, de uso generalizado aqui, em Santa Catarina, foi o Dr. Hermann Blumenau.



Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

(Reg. Min. Trabalho nº. 2)

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15-12-72

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - BLUMENAU - Santa Catarina

A PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA EM 1828

No ano de 1828, havia na Província de Santa Catarina:

Uma cidade: Desterro

Tres Vilas: Laguna, Lages, S. Francisco.

Um arraial: S. Pedro de Alcântara.

Freguesias: 8 na capital: Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora das Necessidades, Na. Senhora da Conceição, Na. Sa. da Lapa do Ribeirão; Na. Sa. do Rosário (Enseada do Brito); São José da Terra Firme; São Miguel; e Bom Jesus dos Aflitos.

2 na Laguna: Santo Antônio dos Anjos; Santa Ana.

1 em Lages: Nossa Senhora dos Prazeres.

1 em São Francisco: Nossa Senhora das Graças.

Capelas Filiais: (11)

3 em Desterro: Menino Deus; Nossa Senhora do Rosário; São Francisco;

1 em Nossa Senhora das Necessidades: São Francisco de Paula.

1 em Nossa Senhora da Conceição da Lagoa: São João Batista.

1 em Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão: S. Ana da Armação da Lagoinha.

1 em Nossa Senhora do Rosário (Enseada do Brito): S. Joaquim, na Armação da Garopaba;

1 em São Miguel: Nossa Senhora da Piedade, na Armação do mesmo nome.

1 em Santo Antônio dos Anjos (Laguna): São João do Maruim

2 em Nossa Senhora da Graça (São Francisco): Nossa Senhora da Penha e São João Batista da Armação de Itapocoria.

1 Capela Curada, pertencente à Vila de São Francisco: Santíssimo Sacramento do Itajaí.

NOTA: A capela filial Nossa Senhora da Penha do Itapocoria, pertencente à Freguesia de Nossa Senhora da Graça se acha abandonada por estar totalmente arruniada.

Relação das aulas e escolas públicas e particulares de Gramática Latina e de primeiras letras existentes na Província de S. Catarina em 1829:

Termo da Cidade: Na Freguesia de Nossa Senhora de Desterro: Gramática Latina, Professor Mariano Antônio Corrêa Borges, com 15 alunos. Primeiras Letras: Professores Antônio Xavier de Souza, com 105 alunos; Dona Cesária Saturnina da Pureza, com 40 alunos; João Lopes Falcão, com 50; Ludovino José Prates, com 40; Antônio Lopes Falcão, com 16; Manoel Luiz da Silveira, com 20; Ambrósio d'Almeida Coelho, com

6; Francisca Bernardina, com 20; Maria da Trindade, com 16; Maria Joaquina da Conceição, com 29 alunos. (Os oito últimos são particulares).

Na Freguesia de Na. Sra. das Necessidades: Professor Silvério Antônio de Souza, com 11 alunos; Anselmo G. Ribeiro, com 6; José Antônio Alves, com 9; Raulino de Souza Machado, com 14 e Luiz Alves de Brito, com 21 alunos. Todas eram particulares.

Na Freguesia de Na. Sra. da Conceição da Lagoa: Prof. Vicente José Homem, com 15 alunos; Inácio José Alves, com 16 alunos. Ambas particulares.

Na Freguesia de Na. Sra. da Lapa do Ribeirão: Prof. Inácio Silveira, com 9 alunos, particular.

Na Freguesia de Na. Sra. do Rosário (Enseada do Brito): Prof. Antônio Vieira dos Santos, com 13 alunos, particular.

Na freguesia de São José da Terra Firme: Prof. de José Caetano de Carpes, com 25 alunos, particular; Antônio José de Farias, com 24 alunos; Silvério de Amorim, com 20 alunos, também particulares.

Na freguesia de São Miguel: Prof. Alexandre José Varela, com 12 alunos; Manoel Francisco, com 12; Mariano José da Rocha, com 19; José Antônio, com 12; e Jacó Pereira, com 20 alunos. Todas particulares.

Na freguesia do Senhor Bom Jesus dos Aflitos: Prof. Antônio José Pereira, com 20 alunos; Inácio Joaquim Peniche, com 20 alunos. Ambas particulares.

Na freguesia de Santo Antônio dos Anjos (Laguna): Joaquim Inácio da Silveira, com 50 alunos; Antônio José de Almeida, com 10; Antônio Nunes Barreto, com 4 e Marcos José da Silveira, com 20 alunos, todas particulares.

Termo da Vila de S. Francisco:

Na Freguesia de Na. Sra. das Graças. Manoel Jorge Pinheiro, com 22 alunos, pública.

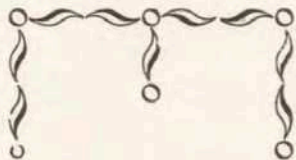
Não existe outra alguma aula, além da de anatomia e cirurgia prática cujo lente é o cirurgião-mor e diretor do Hospital Militar, José Antônio de Lima.

Conclusão no próximo número

CREMER S. A.

Produtos Têxteis e Cirúrgicos

BLUMENAU - Rua Iguaçu, 291/362 - Santa Catarina
Caixa Postal, 953 - Fone 22-1066



Gazes e Ataduras Medicinais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para bêbes

Faixas Higiênicas para senhora

Artigos de Primeira Qualidade

Electro Aço Altona S.A.

Rua Eng^o. Paul Werner, 925 — Fones: 22-0422 e 22-0738
Caixa Postal, 30 — Telegrs.: «ELAÇO»

BLUMENAU

Fundição Elétrica de Aços Comuns e Especiais Para:

Indústrias Automobilísticas

Fábricas de Cimento

Companhias de Dragagem

Fábricas de Máquinas

Equipamentos de Britagem

de Terraplenagem

Reposição e Manutenção

Batalhões Rodo-Ferrovários

Fábrica de Tratores

DESDE 1933

A PROCEDÊNCIA GARANTE A QUALIDADE

Impresso na Tipografia Centenário de Timbó Ltda.